

CONJUNTURA**COYUNTURA****CONJUNCTURE**Osvaldo Coggiola¹

Por: Elza Margarida de Mendonça Peixoto, Maria de Fátima Rodrigues Pereira, Maria de Fátima Felix Rosar, Paulino José Orso, Milton Pinheiro, Márcia Morschbacher.

O primeiros 14 anos do século XXI evidenciam o acirramento das condições objetivas que confirmam e aprofundam a crise do capitalismo com impactos devastadores sobre a classe trabalhadora. Levantes dos trabalhadores têm ocorrido em todo o mundo e por todo mundo acirra-se a opressão e a violência do poder econômico sobre os trabalhadores que reagem. Aos marxistas cabem , simultaneamente, a tarefa de avaliar a conjuntura apontando as possibilidades revolucionárias nela abertas, e organizar ao proletariado para a superação desta conjuntura. *Germinal*, em seu Volume 6, n. 1, traz a análise e as perspectivas apontadas pelo historiador Osvaldo Coggiola, membro do Partido Obrero da Argentina, um dos líderes do movimento docente e militante pela Refundação da IV Internacional, sobre o atual quadro de crise e mobilizações.

G.: *No quadro conjuntural do início do século XXI quais os instrumentos fornecidos pelo marxismo para uma análise radical da conjuntura? Em que devemos concentrar a atenção?*

C.: Os instrumentos são os de sempre, enriquecidos pela experiência de um século e meio. A luta de classes e a tendência do capital para sua autodissolução, como foi estabelecido por Marx em *O Capital*. E todos os programas históricos da classe operária elaborados em mais de 160 anos, a começar pelo *Manifesto Comunista*, e passando por todas as Internacionais Operárias, incluída a IV Internacional, à qual Chávez prestou uma homenagem involuntária ao propor a V Internacional (ou seja, reconhecendo a legitimidade histórica da IV). A tendência da pequena burguesia, porém, é desprezar a história e grudar na última novidade do mercado editorial. A esquerda pequeno-burguesa (99% da esquerda) acompanha a moda, a “novidade” a qualquer custo (geralmente financiada por agências e fundações), por esse motivo temos uma esquerda ideologicamente *fashion*, um processo que se vê com facilidade nas universidades, com gente babando acriticamente e até tietando sem o menor senso de vergonha

qualquer novidade oriunda dos *think tanks* esquerdófilos dos Estados Unidos (EUA) e Europa, geralmente universitários. No Brasil cabe acrescentar o colonialismo cultural que, sem que fosse percebido, colonizou até à esquerda, coisa de que ninguém fala. Os caras bons daquela seara (os Foucault, embora reacionário para várias coisas, os Bourdieu) se contam com os dedos da mão. Há pouco li uma entrevista do líder do *Podemos* da Espanha (que vai ter uma penca de votos, parece) dizendo que seu ideólogo é Zizek, porque sua leitura o “diverte” (a mim também, quando não tenho mais coisa para fazer). Bem, se for para se divertir vai ao cinema, cara, e deixa a política de esquerda para gente séria (o que não significa carrancuda) e, sobretudo, com alguma cultura, ou seja, capaz de ler criticamente as bostas que nos chegam com insólita frequência do mercado editorial. Vivemos um período de grandes mobilizações e de obscurantismo ignorante “ilustrado” da esquerda desnordeada depois do mal chamado “fim do socialismo”. O marxismo é, portanto, mais necessário do que nunca, mas ele não garante bolsa do Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sobretudo no exterior.

G.: Operando com estes instrumentos, qual a sua avaliação da situação brasileira na relação com a América, a Europa e a Ásia? Qual o quadro conjuntural e quais os desafios para a classe trabalhadora? O que os levantes de massa estão expressando?

C.: Os levantes estão expressando uma crise geral do capitalismo, diversa segundo países e continentes, desigual, que tende a se transformar em crise de dominação política. “Classe trabalhadora” é um conceito que precisaria ser atualizado para os dias de hoje. A crise capitalista é profunda, e o capital busca uma saída pela destruição de todas as conquistas trabalhistas (flexibilização, desemprego, e outras, que, contrariamente ao que se pensa vulgarmente, não são índices da crise, mas de *saída* da crise, através da criação de um novo patamar de acumulação pela via de uma super-exploração inédita do trabalho). Não é uma crise estrutural do capital, porque não existem crises estruturais do capital, mal pese a Wallerstein e outros “pensadores” (!) que afirmam que o capitalismo já foi superado (??????). Foi à toa que Marx disse (há cento e cinquenta anos!), inclusive para esses profissionais da confusão travestida de “novidade”, que não existem crises permanentes, mas crises periódicas em permanência. É uma crise profunda, a crise atual, que abre possibilidades revolucionárias, que dependem da política e da qualidade da direção do movimento operário e das massas exploradas. Mas a crise de direção é muito forte: o peso de intelectuais de pouco peso (Wallerstein, Zizek, Chomsky quando fala de política, e outros do mesmo naipe, no cenário mundial ideológico da esquerda), indicam que vivemos um período de confusão ideológica sem precedentes na história contemporânea da esquerda. A maior alternativa da esquerda na Europa, o Syriza grego, é um compêndio da confusão e da vulgaridade, teórica e ideologicamente falando. Na Europa, que vive uma crise espantosa sem sinal de saída, os proletários mais explorados (os trabalhadores imigrantes) não são nem se sentem representados por essa esquerda (muitos, dentre os árabes, acabam aderindo por isso ao

fundamentalismo islâmico). Tem, na Europa, até esquerdistas *fashion* que aderem ao debate sobre “identidade nacional” proposto pela direita xenófoba. Pode surpreender que, diante disso, os trabalhadores mais explorados (os estrangeiros) adiram ao fundamentalismo islâmico, e os operários “nacionais” mais velhos (que votavam ao partido comunista), à direita fascista? É a consequência de décadas de oportunismo esquerdóide regado a coquetéis e viagens internacionais financiadas (hotel cinco estrelas incluído) por agências governamentais. É instrutivo ir ao Foro Social Mundial, um catálogo de Organizações Não Governamentais (ONG) (organizações *não pouco* governativas, com muito financiamento governativo, como acontece no Brasil). O seu *slogan* é “outro mundo é possível”, mas deveria ser: “Cuidado! Perigo! Outro mundo é possível”. Organizam a caridade, a filantropia, que *in altri tempi* era denunciada como um pilar da ordem social. Mas a crise do capital não perdoa, esses tempos estão voltando.

G.: *À luz desta análise, quais as forças que efetivamente estão assumindo o projeto de superação do capitalismo e quais os desafios que estão enfrentando? Quais os principais obstáculos que a classe trabalhadora está enfrentando do ponto de vista da maturidade dos organismos históricos da classe e de sua correspondência às necessidades organizativas?*

C.: Praticamente nenhuma (“as forças que efetivamente estão assumindo o projeto de superação do capitalismo”). O capitalismo não pode ser superado. Precisa ser destruído. A condição primeira é a destruição de seu Estado. A sociedade socialista não é a superação do capitalismo, mas outra sociedade. Não se faz omelete sem quebrar os ovos. A classe operária está protagonizando grandes lutas, a maioria de caráter defensivo. Nos grandes movimentos de massa atuais, em geral, a hegemonia *política* é da pequena burguesia. *Eventualmente* aliada à burocracia sindical. O principal problema para a superação dessa situação conjuntural é a política da esquerda, isto é, a orientação que resultou do balanço que a esquerda fez do fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), do fracasso do foquismo na América Latina, e de muitos outros fracassos. O que tem que ser superado é isso.

G.: *Na condição de um militante trotskista, quais as táticas e estratégias com as quais o trotskismo disputa a direção da organização da classe trabalhadora e o enfrentamento do quadro conjuntural apontado?*

C.: A questão não é o trotskismo (visto só como ideologia, ou símbolo). É necessária uma internacional operária revolucionária. Estamos longe disso. O *programa* da IV Internacional (não o culto da imagem e dos símbolos trotskistas, como se fosse uma seita maçônica), atualizado, é sua base e continuidade histórica, junto com programas precedentes, pois não há história sem continuidade. O trotskismo no Brasil foi identificado no período recente com algumas deturpações aberrantes (o

trotsko-catolicismo de uma ex candidata alagoana, por citar algum exemplo) ou com seitas delirantes e/ou direitistas (tem uma que até participa das eleições, uma espécie de Levy Fidelix “trotskista”). Só o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) tem alguma consistência partidária assemelhada ao trotskismo, e uma atividade militante orgânica na classe.

G.: Como você avalia os 12 anos do atual Governo? Quais são as perspectivas? Quais as lições desta experiência quanto às possibilidades e os limites da atuação por dentro do Estado que vem sendo construída pelo marxismo?

C.: Uma integração social e política sem precedentes da esquerda. O que isso tem a ver com o marxismo, nem a Virgem Maria sabe. A questão não é dentro ou fora do Estado (Se você, marxista revolucionário trotsko-guevarista com uma metralhadora em baixo da cama, vencer as eleições faz o que? Cai fora, entrega para o governo o segundo colocado?), mas com que programa e alianças políticas você avança? O programa (Frente Popular) e as alianças da pequena burguesia petista com a burocracia sindical transformada em pequena burguesia abastada levaram a um retrocesso político sem precedentes. A ideia era que com o Partido dos Trabalhadores (PT) no governo as massas iriam para a esquerda, se mobilizariam e fariam a revolução. Essa ideia era a expressão do oportunismo em estado puro. O que sobrou disso? O governo não é “do PT”, mas da “base aliada”, que inclui o principal partido burguês do Brasil, que não é o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), mas o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Ao PT sobrou a acomodação social: sua camada dirigente pode até perder as eleições (não quer isso, óbvio), nestes anos já fez um caixa suficiente para o restante da existência. Daí o oportunismo e corrupção sem limites do grosso da esquerda brasileira, provavelmente a mais corrupta do planeta (e não falo só do PT). Lembro do Foro de São Paulo repudiando a tentativa golpista de Chávez em 1992 “em nome da democracia” (depois passaram a apoiar Chávez sem a menor vergonha), impedindo a presença dos zapatistas (porque faziam luta armada), rejeitando a exclusão de um partido boliviano que acabava de decretar estado de sítio em seu país, prendendo 500 dirigentes sindicais, exclusão que fora proposta por meu partido, o Partido Obrero da Argentina. O “cretinismo parlamentar” outrora criticado pelos bolcheviques foi elevado à enésima potência. Não se trata de estar “dentro ou fora” do Estado (um deputado, está “dentro ou fora”? E um vereador?), mas da política que se defende, a independência de classe e a revolução, ou uma lei antiterrorista para prender mascarados e atirar em manifestantes. Temos uma esquerda horrorosa, esse é o problema. Precisamos de outra esquerda, embora seus componentes potenciais ainda se reconheçam nesta que temos agora.

G.: Qual a sua avaliação da conjuntura eleitoral em curso no Brasil?

C.: Uma catástrofe. Quem vencer, fará um programa de ajuste barra pesada. Agora veio a chantagem: “quem não votar em Dilma, quer o Aécio”. A política de esquerda ficou reduzida a uma chantagem eleitoral, uma vergonha total. Votar em Dilma é votar no PMDB, no agronegócio, no capital financeiro, no ajuste. É o suicídio político da esquerda. Mas, claro, vão “compreender” os ex PT que votam no Aécio, e até os que votaram na Marina. Afinal, eles colaboraram, há uns vinte anos, para eliminar a esquerda do PT, para que este virasse o que é hoje. A esquerda perdeu até a vergonha, um sinal de sua decadência moral. A esquerda, eleitoralmente, ficou reduzida ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), um balaio de gatos com um único ponto em comum: o carreirismo eleitoral. Um dos seus deputados eleitos votou até a reforma da previdência (depois caiu fora do PT). Pode sair algo daí? Pode sair alguma coisa de qualquer coisa, mas questão não é especular com isso, mas defender uma política classista e revolucionária.

G.: *Atuando no Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN), como você avalia a posição dos intelectuais que atuam na Universidade brasileira? Especificamente, no Estado de São Paulo, como está avaliando a situação da USP, das Estaduais Paulistas e do movimento reivindicativo dentro da universidade?*

C.: É um movimento contra a destruição da universidade pública. Vencemos o primeiro *round* (salário, transferência dos Hospitais Universitários (HU) para o Estado, isto é, para Organizações Sociais (OS) privadas), numa greve de 120 dias. Mas vêm outros *rounds*, mais difíceis. Estamos nos preparando e lutando para vencer esses também (democratização, defesa do caráter público das universidades paulistas). O ANDES não largou a luta (ao contrário) nestes anos difíceis, enfrentou o governo, defendeu a independência classista, o que já é honra para sempre para estas e as futuras gerações. Mas o ANDES não é corrente nem partido político, que é o que precisa se construir.

G.: *Poder-se-ia levantar como desafio político e pedagógico para o campo da esquerda, a realização de programas de formação política que possam absorver as novas gerações, de modo a construir a médio prazo um processo de formação de quadros com os quais a Universidade e as organizações progressistas possam contar para o enfrentamento sistemáticos das forças conservadoras e reacionárias?*

C.: A “esquerda” em geral não existe, insisto nisso. A porrada que vem aí não é a médio prazo, é pra daqui a pouco. A esquerda brasileira se especializou em justificar as políticas anti classistas e de entrega do país em nome de que a alternativa de direita é pior. A burguesia ficou contente, e a deixou governar, esfregando as mãos com os maiores lucros históricos do capital financeiro e do agronegócio, aliados à maior desmobilização das massas. A esquerda governou doze anos e produziu a maior desmobilização política do país. *É isso que tem de ser ensinado e debatido: por que*

aconteceu isso? Com que *programa*? Em benefício de que *classes*? A melhor escola de formação política é a luta de classes, a prática. A formação política que deve ser dada, em todos os âmbitos, inclusive na universidade (mas combatendo a ilusão dos universitários de que são o umbigo do mundo, a mais perigosa de todas, que é a base da pequena burguesia petista e paulista-tucana, isso porque estamos no Brasil, país fodido pela história; na Alemanha, que é um país imperialista, essa ilusão foi a uma das bases do nazismo) é de que a questão não é progressismo *versus* reação, mas classe contra classe, nação contra o imperialismo. Nem a nação, nem o “progresso” diluem as classes.

G.: Qual o balanço do combate capital e trabalho travado nos meios de comunicação? Como a esquerda pode avançar neste latifúndio ideológico do capital cuja disputa se torna cada vez mais complexa?

C.: Defendo a liberdade de imprensa e a expropriação *do capital*, inclusive dos grandes meios. E ensino todos os dias que xingar a Veja e a Rede Globo para apoiar um panaca “de esquerda” que justifica todas (ou quase) as políticas governamentais dos últimos anos, não é combater o capital, mas se adaptar a uma das variantes deste. A burguesia não governa o mundo há quatro séculos só reprimindo, mas, sobretudo, fazendo política, até “de esquerda”, quando é preciso. Quem não ensina isso, é um analfabeto que transmite ignorância. A comunicação não cria a luta de classes, mas o contrário. Quando, na Rússia revolucionária, surgiram os soviets, as pessoas só queriam ler o *Izvestia*, o jornal dos soviets, não porque fosse melhor do que as *Vejas* ou *Folhas* da época, mas porque era o jornal dos soviets, a organização das massas, que se colocavam a perspectiva do *poder*, da *revolução*. Mas não quero trazer exemplos anacrônicos (as *Vejas* ou *Folhas* do regime czarista eram um pé no saco, eu as li; e não estamos num período revolucionário, no Brasil ou no mundo). A mais capitalista das revistas é a “Contigo” (e assemelhadas), a expressão da alienação total, política e pessoal (as pessoas que não vivem sua vida, mas a dos personagens de novelas). Prefiro que um operário ou um camponês leia a *Folha*, não a Contigo. Alguma coisa pode aprender. Não podemos concorrer com as peladas da Playboy (ou com os pelados da revista G, ou como se chame), afinal elas/es são mostrados como exemplo da libertação sexual (com a qual se pode fazer muita grana, já virou um negócio, dos mais podres, vide contrabando de mulheres escravas sexuais no mundo todo). Temos que fazer outra coisa, e deixar de enganar e iludir estudantes de comunicação, lhes fazendo acreditar que eles serão os demiurgos da libertação social contrapondo-se à Rede Globo, reforçando a tendência natural da pequena burguesia de se achar a tal, o umbigo do mundo, tendência que é o túmulo das revoluções. Te deixo, pra pensar, uma citação de um cara inteligente (pouco conhecido, Riccardo Mariani, porque ele não fala asneiras que “divertem”): “No momento das grandes escolhas, quando se esperaria que um ou outro – burguesia ou proletariado – tomasse graves decisões, em geral ante a hegemonia, ainda jovem, mas já obsoleta, da classe dirigente, a classe média entra em campo e se apropria do poder contra uma burguesia enfraquecida e, às vezes, estéril, e um proletariado indeciso na sua vontade

revolucionária. Nestes momentos, a classe média administra em seu próprio benefício tanto a revolução quanto as instituições do Estado. Com as suas mediações, arte na qual tornou-se *expert* com o tempo, administra o todo, tomando de tudo, sintetizando a seu modo e criando assim enormes contradições com pequenos e grandes artifícios. A classe média urbana, a partir de um certo momento, elabora determinados modelos culturais e políticos no rastro de uma formação própria, que a partir de um certo momento torna-se autônoma”. Ele estava falando dos processos de urbanização na era de ascensão do capital. Hoje é mil vezes pior.

Te faz pensar em alguma coisa? O dever dos revolucionários *não é ensinar, mas fazer pensar*. Deveria ser também o dos professores. Só se aprende pensando. No Brasil, a grande insurgência operária dos anos 1970-1980 foi politicamente expropriada pela pequena burguesia “com as suas mediações, arte na qual tornou-se *expert* com o tempo, [que] *administra* o todo, tomando de tudo, sintetizando a seu modo e criando assim enormes contradições *com pequenos e grandes artifícios*”. Está na hora de expropriar os expropriadores, os econômicos (o capital) e os políticos (a pequena burguesia conciliadora e a burocracia sindical/estatal).

Notas:

- ¹ Doutor em História Comparada das Sociedades Contemporâneas pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (1983). Atualmente professor titular da Universidade de São Paulo na área de História Contemporânea. E-mail: <coggiola@usp.br>.

Recebido em: 10/2014

Publicado em: 12/2014.